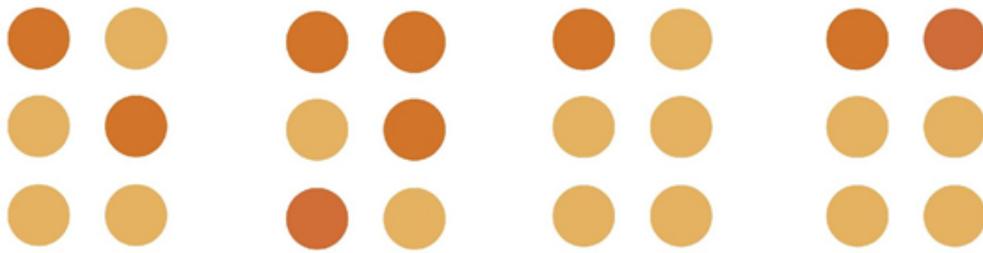


V ENAC



V Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural

Audiodescrição: sobre fundo branco, logotipo do evento representado por quatro celas braille com em tons de laranja. Cada uma delas representa uma letra da sigla ENAC. No canto superior direito, em letras maiúsculas pretas o numeral romano V (quinto) e a sigla ENAC. Abaixo das celas braille, centralizado e em duas linhas, em cinza: quinto Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural.

Anais do Quinto Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural

O Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural - ENAC é uma iniciativa associada ao projeto de formação do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural desenvolvido pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ em parceria com a antiga Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura; atualmente Diretoria de Diversidade Cultural da Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania.

O I ENAC aconteceu em 2013 como atividade de abertura da primeira turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural na cidade do Rio de Janeiro. Em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, realizamos juntos o II Seminário Nacional de Acessibilidade em Ambientes Culturais – II SENAC. No ano de 2014, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN realizamos o II ENAC e o III SENAC, atividades inseridas no Encontro Nacional dos Pontos de Cultura – TEIA. A partir de 2015 o ENAC retorna à cidade do Rio de Janeiro, e de lá para cá, realizamos seis edições do encontro.

No ano de 2013, quando realizamos a primeira edição do ENAC a pauta da acessibilidade cultural no que diz respeito a promoção da cidadania cultural das pessoas com deficiência era ainda pouco debatida, problematizada e difundida. Da I a IV edição do ENAC o encontro foi realizado com mesas-redondas, oficinas, rodas de conversas, entre outras atividades complementares.

A partir de 2017, na V edição do encontro, iniciamos o processo de inscrições de iniciativas para apresentação de trabalhos que sistematizam experiências práticas e de pesquisa na área. Tal proposta teve como objetivo mapear novas iniciativas em todo o país, bem como, ampliar o intercâmbio de profissionais, pesquisadores, estudantes e trabalhadores com o objetivo de acrescentar novos pares à rede de Articulação, Fomento e Formação em Acessibilidade Cultural. Para isto escolhemos seis linhas temáticas orientadoras, que replicamos na VI e agora na VII edição do ENAC. São elas: Acessibilidade Cultural e Tecnologia Assistiva, Acessibilidade em Ambientes Culturais, Acessibilidade, Arte e Educação Inclusiva, Formação em Acessibilidade Cultural, Políticas Públicas e Acessibilidade Cultural, Programas, Projetos e Ações Culturais acessíveis.

Os trabalhos que se encontram a seguir foram selecionados e apresentados na V e VII edição do ENAC. Tais apresentações enriqueceram a programação, bem como temos certeza, ampliará o seu olhar sobre o tema!

Boa leitura!

Sumário

<i>Acessibilidade em Ambientes Culturais</i>	5
Grupo de pesquisa museus e centros de ciências acessíveis	5
REFLEXÕES E PRÁTICAS: percepções de alunos surdos e ouvintes em relação a visitação de museus no contexto de um curso de formação de professores.....	10
<i>Acessibilidade e Tecnologia Assistiva</i>	15
DA ESCRITA À AUDIABILIDADE: Uma experiência com livros e leitura para pessoas com deficiência visual	15
O Uso da Tecnologia Assistiva como Facilitadora do Processo de Ensino-Aprendizagem	18
INVESTIGANDO DIFERENTES FORMATOS PARA A TRADUÇÃO AUDIOVISUAL EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: Uma pesquisa de preferências.....	24
ANÁLISE DO FILME “A ENTREVISTA”: Uma experiência na especialização em audiodescrição da UECE	29
<i>Formação em Acessibilidade Cultural</i>	38
Diagnóstico da Acessibilidade do Centro de Ciências Itinerante Caravana da Ciência/ Rj – Brasil	38
ACESSIBILIDADE EM MUSEUS: uma experiência formativa no contexto da UFRN	46
<i>Programas, projetos e ações culturais</i>	51
OFICINA DE CORPO, MOVIMENTO E EXPRESSÃO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: um dispositivo de cultivo de si como contribuição para a acessibilidade cultural	51
O QUE OS OLHOS NÃO VEEM: a cena teatral como um exercício da exotopia do olhar	55
REALIDADE AUMENTADA E ACESSIBILIDADE EM MUSEUS: um estudo de caso com surdos no Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ	60
MUSEU DO AMANHÃ E O DESENHO UNIVERSAL: Proposta de um dispositivo para O Cosmos	66
A TERAPIA OCUPACIONAL E OS MUSEUS: possibilidades de atuação na busca por acessibilidade e inclusão no Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ).....	80
MEMÓRIA TÁTIL: jogo de memória do Museu do Doce da UFPEL.....	87
ACESSIBILIDADE CULTURAL EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS: a experiência da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.....	90
ACESSIBILIDADE PARA PRODUTOS AUDIOVISUAIS DA SEDIS/UFRN: Tradução/Interpretação de vídeo-aulas na área da saúde	100
AS MÃOS SENTEM O QUE OS OLHOS NÃO VEEM: acessibilidade e conhecimento da morfologia humana	105
O sentido do trabalho para pessoas com deficiência adquirida inseridas no campo das artes	110

LEIS DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM PAÍSES DA AMÉRICA LATINA: diálogos sobre o acesso a museus e espaços científico-culturais.	118
ACESSIBILIDADE CULTURAL PARA SURDOS: reflexões e uma proposta de documentário acessível.	131
A DESCOBERTA DOS SENTIDOS: relato de uma visita sensorial a um mosteiro português.....	137
VER SEM OLHAR. Acessibilidade cultural em uma Pelotas inclusiva.....	142
A EXPERIÊNCIA DO MUSEU DA GEODIVERSIDADE (IGEO/UFRJ) NA RECEPÇÃO AOS SURDOS: mediações e produções audiovisuais.....	146



V Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural

Acessibilidade em Ambientes Culturais

REFLEXÕES E PRÁTICAS: percepções de alunos surdos e ouvintes em relação a visitação de museus no contexto de um curso de formação de professores

*Costa Gomes, Marisa da⁷;
Chalhub, Tânia⁸*

RESUMO

Museus se constituem importante espaço não escolar para educação de uma forma geral, porém, no ensino de ciências a visita a museus de ciências tem potencial de impacto muito maior, uma vez que nestes espaços o contato com os conceitos se materializam em experimentos, experiências e/ou atividades interativas educativas. De acordo com Marandino (2005) os museus de ciências são considerados espaços educacionais diferenciados, pois as experiências neles vivenciadas se projetam para além do deleite e da diversão, proporcionando conhecimento de forma lúdica e significativa. Já Gruzman e Siqueira (2007) consideram que esses são “espaços privilegiados para a articulação dos aspectos afetivos, cognitivos, sensoriais, do conhecimento concreto e abstrato, bem como da produção de saberes” (p. 412).

Embora a produção científica em torno dos aspectos relacionados aos museus de ciências venha crescendo de forma considerável nos últimos anos, no Brasil ainda são tímidas as iniciativas e estudos que consideram esses como espaços educativos extraescolares (OVIGLI; FREITAS; CALUZI, 2010), principalmente no que diz respeito à inclusão e a educação e acessibilidade de educandos surdos.

Este trabalho é resultado da práxis das disciplinas Metodologia do Ensino de Ciências e Tecnologias da Informação e Comunicação com alunos surdos e ouvintes do curso de licenciatura em Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Um dos blocos da disciplina Metodologia do Ensino de Ciências foi dedicado à discussão teórica de como espaços não escolares de ensino, como museus de ciências e outros museus podem ser pensados como ferramentas educacionais no contexto da formação de professores. Na disciplina Tecnologias da Informação e Comunicação foram trabalhados conceitos de tecnologias na educação de surdos. Temos como eixo reflexivo a cultura surda e a visualidade como eixo central da comunicação dessa comunidade (CAMPELLO, 2008; GLADIS; REIS, 2012) e a acessibilidade em espaços escolares e não escolares como um direito para surdos. O foco são os museus de ciências e museus com artefatos tecnológicos, por se inserir dentro do contexto estudado durante as disciplinas, por considerarmos

⁷ Instituto Nacional de Educação de Surdos - marigomesines@gmail.com

⁸ Instituto Nacional de Educação de Surdos - chalhubtania@gmail.com

importante contemplar a discussão em torno de suas possibilidades formativas conferindo um espaço mais significativo no currículo e na formação inicial de professores de Pedagogia.

As pessoas surdas contam com a Lei nº 10.436/2002, que é regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005 que garante a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como seu direito linguístico. Embora possuam seus direitos assegurados pela legislação, poucos são os espaços não formais, como museus, teatros, zoológicos, jardins botânicos, dentre outros, que contemplam o direito à informação conferindo acessibilidade à indivíduos surdos. Chalhub, Benchimol e Rocha (2015) ao mapear os meios que podem trazer a acessibilidade para surdos em museus, delineou diferentes ferramentas e estratégias como a presença de mediador Surdo e funcionário que tenha domínio na Língua de Sinais para melhor atender este público, a disposição de vídeos em Libras e legendas nos vídeos em Português para garantir que o surdo tenha acesso a informações em diferentes formatos e QR Code que através de aplicativo em celular torna a exposição acessível e com mais autonomia. Apesar dos Surdos terem essa garantia da acessibilidade em sua primeira Língua, os museus ainda estão em fase inicial no acesso, tanto na forma de pessoas que saibam a Libras, como com uso de tecnologias assistivas.

Em nosso estudo buscamos identificar a percepção dos estudantes de Pedagogia surdos e ouvintes após a visita à Casa da Ciência (UFRJ) e ao Museu das Telecomunicações Oi Futuro dialogando e discutindo como as estratégias de acessibilidade podem mediar e favorecer a prática pedagógica e formação dentro desses espaços e como foi a aquisição de informação por meio de experiências diversas de acessibilidade.

A Casa da Ciência, Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, inaugurada em 1995 oferece exposições temporárias em diversas áreas do conhecimento. A exposição à qual as duas turmas visitaram foi a “Aedes: que mosquito é esse? ”, concebida e organizada pela FIOCRUZ. Apesar de não contar com mediação em Libras a visita teve o apoio de duas intérpretes, funcionárias públicas do INES, que se revezaram na interpretação da mediação realizada pelos mediadores alunos da UFRJ. A exposição oferecia material com pouca informação textual e muita informação visual através de fotos, maquete, vídeos legendados, animações legendadas e um vídeo guia em Libras apresentando o conteúdo. As diversas atividades levavam à interatividade com uso de microscópios, lupas, jogos para testar conhecimento sobre o *Aedes aegypti*, seu ciclo de vida e principalmente estratégias de combate ao mosquito e prevenção de Zika, Dengue e Chikungunya.

O Museu das Telecomunicações Oi Futuro é um espaço não escolar, inaugurado em 2005, localizado no bairro Flamengo, Rio de Janeiro. Este espaço “dispõe de condições técnicas que possibilitam a constante experimentação, potencializando a convergência entre a arte, a ciência e a tecnologia” (OI FUTURO, 2017). As exposições no museu são baseadas no conceito de hipertexto, onde as camadas de informação são reveladas aos poucos, em um formato lúdico e interativo, considerado pioneiro no Brasil. Dessa forma, cada visitante pode viver uma experiência diferente, descobrindo os conteúdos no seu próprio tempo e respeitando sua própria curiosidade. Os alunos puderam interagir com diversos aparelhos, alguns mediados pelos intérpretes pois ofereciam informações em áudio.

Ambas as visitas foram agendadas com antecedência e sua execução foi feita no período diurno durante três horas. Os museus de Telecomunicações Oi Futuro possui estratégias de acessibilidade direcionadas a diferentes especificidades. É possível encontrar cadeira de rodas para visitantes com deficiência, banheiros com barras de apoio, elevadores e bebedouros com sinalização em Braille e elevadores com acesso a todos os andares, peças do acervo sensíveis ao toque e espaços adequados para circulação de cadeiras de rodas. Especificamente para deficientes visuais, o museu oferece atendimento por áudio. Para as duas turmas com alunos surdos e ouvintes do curso de Pedagogia a principal estratégia foi a mediação com professor surdo que percorreu

toda a exposição após fazer uma explanação sobre o acervo. A interação dos alunos com o mediador foi muito intensa, com muitas perguntas e comentários entre os alunos.

De acordo Martins (2013) a efetivação das acessibilidades em museus implica a criação de programas recreativos e de atividades que oferecem a possibilidade de as pessoas com deficiência participarem ativamente nelas, envolvendo o desenvolvimento de suportes e serviços necessários para esse fim, como devem pressupor as práticas centradas nas políticas de inclusão.

De fato, a acessibilidade de um espaço cultural não deve restringir-se apenas na facilidade de acesso físico criada em determinados ambientes, mas deve ser pensada de forma ampla, almejando a utilização por todos dos serviços prestados sem qualquer tipo de impedimentos.

Para Ovigli, Freitas e Caluzi (2010) atualmente se reconhece a importância que a figura do mediador assume nesses espaços, considerando que sua atuação como tradutor verbal das diferentes linguagens presentes no museu visa favorecer a aproximação do público com a exposição e, por conseguinte, do museu.

Nesse sentido o Museu das Telecomunicações Oi Futuro vem investindo na ampliação do seu atendimento e no oferecimento de estratégias de acessibilidade, principalmente no que diz respeito à surdez, experiência repetida por uma das professoras que há três anos visita o espaço, e a cada ano há uma nova estratégia para atender à especificidade dos estudantes surdos. E a visita realizada com os 30 licenciandos de Pedagogia (9 surdos, 2 deficientes auditivos e 19 ouvintes) e duas professoras ouvintes foi guiada por um mediador surdo e uma intérprete ouvinte contratados pelo próprio centro cultural.

No que diz respeito especificamente à mediação para surdos em museus de ciências, os números não são nada animadores. Pesquisa recente realizada com mediadores de museus de ciência, pelo Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (NEDC/Museu da Vida) retrata que dos 370 profissionais provenientes de 73 espaços científico-culturais, cerca de 60% afirmaram não se sentir preparados para atender pessoas com deficiência. Além disso, os mediadores que disseram se sentir preparados para atender esse público específico, foi questionado sobre qual tipo de deficiência estariam aptos a lidar, e como resultado, o público surdo foi apontado como o mais difícil de atender.

Como podemos observar é urgente o investimento na formação de profissionais para o trabalho na mediação e atendimento aos surdos nos diferentes espaços culturais. Em experiências de visitas anteriores, em outros museus e espaços não escolares, foi possível observar que a falta desses profissionais acarreta o menor envolvimento dos estudantes surdos com a exposição e recursos oferecidos.

A presença de ambos mediadores, e ousamos dizer, principalmente do mediador surdo, durante a visita ao Museu das Telecomunicações Oi Futuro foi um diferencial importante para a realização da atividade. Foi notada maior interação dos alunos entre si, com o mediador e com os diferentes espaços e recursos oferecidos no museu. O mediador surdo em questão atuou como uma figura de representação linguística e social para os licenciandos, que se viram entusiasmados em se comunicar e explorar tudo o que estava sendo ofertado durante a visita e estadia no local.

Durante as três horas de visita os alunos puderam explorar os diferentes espaços, discutir, interagir e repensar o que vinham discutindo sobre espaços não escolares em sala de aula, durante o decorrer da disciplina. Ao término da atividade retornamos ao INES, fizemos uma roda de conversa sobre os aspectos relevantes da visita realizada, sobre as percepções dos estudantes e docentes sobre o ocorrido, e posteriormente foi aplicado questionário para registrar esses apontamentos e levantar um diagnóstico da utilização desses espaços como ferramentas educacionais.

De acordo com os resultados, 20% dos estudantes (3 surdos e 3 ouvintes), nunca haviam feito uma visita a um museu. Dados que vão de encontro a pesquisa realizada em 2010 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada(Ipea) que relata que quase 60% da população brasileira nunca foi a um teatro ou a um show de dança, e aproximadamente 70% jamais foi a museus ou centros culturais, concluindo que grande parte de nossa população ainda não possui amplo acesso a espaços e atividades desse gênero.

No grupo dos que já haviam visitado espaços culturais, os mais visitados pelos licenciandos encontra-se o museu (60%), o teatro (23%), o zoológico (20%), o jardim botânico (10%), o cinema e planetário (7% cada). Entre as visitas a museus que fizeram parte do contexto educacional, a maioria estava relacionada a disciplinas de Ciências e História. O Centro Cultural Banco do Brasil está entre os espaços mais visitados pelos alunos surdos, que relatam ser oferecidas com frequência peças de teatro e exposições com acessibilidade em Libras. A única ressalva feita ao espaço é a necessidade de agendamento prévio da visita, para que possam ser implementadas medidas e estratégias de acessibilidade no dia/horário agendado.

Mais de 70% dos estudantes consideraram que as experiências de visita à Casa da Ciência e ao Museu das Telecomunicações Oi Futuro auxiliaram na compreensão de diversos conteúdos aprendidos anteriormente e durante o desenvolvimento das disciplinas.

Esta experiência com uso de espaços não escolares com alunos surdos como estratégia para dinamizar a aprendizagem e aprofundar questões discutidas em sala de aula tem se mostrado profícua nas disciplinas aqui apresentadas, Ensino de Ciências e Tecnologia da Informação e Comunicação para educação de surdos. Os elementos visuais conjugados com a comunicação em Libras, língua materna, e o uso de tecnologias para tornar a visita mais autônoma possibilitaram uma experiência enriquecedora e agradável para um grupo de estudantes de Pedagogia, futuros gestores e/ou professores de alunos surdos.

REFERÊNCIAS

CAMPELO, A. R. S. Aspectos da visualidade na educação de surdos. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/Tania/Downloads/258871%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Tania/Downloads/258871%20(2).pdf) Acesso em: 18 jan 2016.

CHALHUB, T.; BENCHIMOL, A.; ROCHA, L. M. Acessibilidade e Inclusão: a informação em museus para surdos. In: ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2015, João Pessoa. Anais... XVI ENANCIB - Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes. João Pessoa: UFPB, 2015.

PERLIN, G.; REIS, F. Surdos: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (org.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CRV. 2012.

GRUZMAN, C.; SIQUEIRA, V. H. F. O papel educacional do museu de ciências: desafios e transformações conceituais. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v.6, n.2, p.402 -23, 2007.

MARANDINO, M. Museus de Ciências como Espaços de Educação. In: FIGUEREDO, B. G.; VIDAL, D. G. Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176.

MARTINS, P. R. A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência. *Midas: museus e estudos interdisciplinares*, n.2, 2013.

OI FUTURO. Oi Futuro Ipanema. Disponível em: <http://www.oifuturo.org.br/cultura/oi-futuro-flamengo/> Acesso em: 21 set 2017.

OVIGLI, B.; FREITAS, D.; CALUZI, J. J. Quando os museus de ciências tornamse espaços de formação docente Daniel Fernando. In: PIROLA, NA. (org). *Ensino de ciências e matemática, IV: temas de investigação* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 244 p.